

O PENSAMENTO CRÍTICO DE ANGELA DAVIS: NOTAS PARA SE PENSAR UMA EDUCAÇÃO INTERSECCIONAL

Alex Sander da Silva ¹

Resumo

O texto pretende discutir uma questão de fundo: Como se pode tratar o pensamento crítico de Angela Davis para se pensar uma educação interseccional? A ideia é desenvolver um argumento em torno desse tema na perspectiva de se pensar a luta antirracista com base na articulação das questões de raça, classe e gênero, tal como desenvolvidas no pensamento crítico da filósofa ativista. Desse modo, tomaremos a temática em três momentos, a saber: primeiro, trataremos sobre alguns pontos do pensamento crítico de Angela Davis e sua potência na atualidade. Nesse aspecto abordaremos as aproximações e distanciamentos da filósofa com os teóricos da Escola de Frankfurt, particularmente, com Herbert Marcuse. Num segundo momento, pretendemos discutir a perspectiva de gênero, raça e classe como elementos articuladores do feminismo de Davis e da sua luta antirracista, a partir da categoria de interseccionalidade. Já no terceiro momento, trazemos alguns elementos da potência do pensamento de Angela Davis para discutir as questões de gênero, raça e classe na atualidade para se pensar uma educação interseccional.

Palavras-chave: Angela Davis; Gênero; Raça; Classe; Interseccionalidade.

ANGELA DAVIS'S CRITICAL THINKING: NOTES FOR THINKING ABOUT INTERSECTIONAL EDUCATIONS

Abstract

The text intends to discuss a fundamental question: How can Angela Davis's critical thinking be treated to think about an intersectional education? The idea is to develop an argument around this theme from the perspective of thinking about the anti-racist struggle based on the articulation of issues of race, class and gender, as developed in the critical thinking of the activist philosopher. In this way, we will take the theme in three moments, namely: first, we will deal with some points of Angela Davis's critical thinking and its power today. In this aspect, we will approach the philosopher's approximations and distances from the theorists of the Frankfurt School, particularly with Herbert Marcuse. In a second moment, we intend to discuss the perspective of gender, race and class as articulating elements of Davis' feminism and her anti-racist struggle, based

¹ Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com Pós-Doutorado PNP/CAPEs pelo PPGE/UNIMEP. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Formação Cultural e Sociedade (GEFOCS).



on the category of intersectionality. In a third moment, we bring some elements of the power of Angela Davis' thought to discuss the issues of gender, race and class today to think about an intersectional education.

Keywords: Angela Davis; Gender; Breed; Class; intersectionality.

1. Introdução

O pensamento crítico da filósofa-ativista Angela Davis, na atualidade, vai além de sua materialização epistemológica, que dirige uma reindexação e reordenamento categorial da práxis. Desse modo, entender o momento teórico e a sua relação com a necessidade de ação imediata de transformação, requer admiti-lo, não como uma mera suspensão da teoria, mas como possibilidades de conexão entre o conceitual em sua intervenção na realidade.

Esta talvez seja a principal característica do pensamento crítico da filósofa Angela Davis, isto é, a busca da conexão de conceitos e perspectivas teóricas com as pretensões de intervenção e transformação social. A proposta deste texto busca discutir uma questão de fundo, a saber: Como se pode tratar o pensamento crítico de Angela Davis para se pensar uma educação interseccional? A ideia central do texto pretende desenvolver um argumento em torno desta questão na perspectiva de se pensar a luta antirracista com base na articulação das questões de raça, classe e gênero, tal como desenvolvidas no pensamento crítico da filósofa ativista.

Pretende-se aqui discutir essa temática em suas aproximações e distanciamentos com a perspectiva da teoria crítica da sociedade da chamada primeira geração da Escola de Frankfurt. Desse modo, tomaremos a temática em três momentos: primeiro, trataremos sobre pensamento crítico de Angela Davis e sua potência na atualidade. Nesse aspecto, abordaremos as aproximações e distanciamentos da filósofa com os teóricos da Escola de Frankfurt, particularmente, com Herbert Marcuse. Num segundo momento, pretendemos discutir a perspectiva de gênero, de raça e de classe como elementos articuladores do feminismo de Davis e da sua luta antirracista a partir da categoria interseccionalidade. Num terceiro momento, discutiremos a potência do pensamento de Angela Davis para se pensar uma educação interseccional.

2. O pensamento crítico de Angela Davis

No prefácio, a edição brasileira do livro *Mulheres, Raça e Classe* de Angela Davis, a filósofa brasileira Djamilia Ribeiro afirma que Davis "é uma mulher à frente de seu tempo" (RIBEIRO, apud DAVIS, 2016, p. 11). Seria excessivo afirmar que Angela Davis é uma ativista incontestavelmente ativa, ou seja, ao buscarmos saber um pouco de sua trajetória podemos estar seguros que de fato o seu ativismo é uma marca incontestável de sua vida e do seu pensamento. Um ativismo atento, convicto, sério e profundo, mas sobretudo, não descuidado do rigor teórico e metodológico.

Angela Yvonne Davis é uma filósofa e ativista estadunidense, nascida em Birmingham, no estado do Alabama, em 26 de janeiro de 1944, na região sul dos Estados Unidos (EUA), num período de intensa segregação racial. O Alabama era um dos estados mais racistas dos Estados Unidos (EUA), e Davis desde cedo presenciou muitas cenas de discriminação e violência racial. Em 1960 ganhou destaque pelo seu ativismo, pela sua militância no Partido Comunista dos EUA, por sua participação dos Panteras Negras e também pela sua militância pelos direitos das mulheres e contra a discriminação racial nos EUA (RIBEIRO, 2016, p.11).

Davis já na sua adolescência se envolveu com temas cruciais da luta por direitos civis, organizava grupos de estudos inter-raciais que foram perseguidos pela polícia de sua cidade natal, no Alabama, nos Estados Unidos. Com quatorze anos participou de um intercâmbio que levava estudantes negros do sul dos Estados Unidos para cursar em escolas no Norte. Concomitante a isto, foi estudar em Greenwich Village, em Nova York, numa escola onde circulavam nomes como os músicos John Lennon, Bob Dylan e Astor Piazzolla. Formou-se em filosofia na Universidade de Brandeis, no Estado de Massachussetts. Foi aluna de Herbert Marcuse nos anos de 1960, e nesse período acabou sendo impedida de lecionar na Universidade da Califórnia por causa da sua militância no Partido Comunista (RIBEIRO, 2016, p. 11).

Na sua juventude, antes de ser envolvida em acusações que a levaram a sua prisão e estar na lista do FBI de dez pessoas mais procuradas, fez um intercâmbio passando uma temporada na Alemanha, aprofundando seus estudos em filosofia. Nesse período teve contato com o filósofo Theodor Adorno e Jürgen Habermas, sendo estudante em alguns seminários dos professores na Universidade de Frankfurt. Nesse contexto, edificou a força do pensamento crítico a fim de abordar de maneira radical a realidade “danificada” pelo capitalismo.

O pensamento de Angela Davis tomou notoriedade nos últimos anos no Brasil, sobretudo, pelas reedições de suas duas principais obras: *Mulheres, raça e classe* (2016); *Mulheres, cultura e política* (2017) e lançamentos de obras inéditas como: *A liberdade é uma luta constante* (2018); *Estarão as prisões obsoletas?* (2018) e *Uma autobiografia* (2019). Isso pode ser explicado por diversos motivos, seja pelas suas visitas ao Brasil, pela sua admiração pelos movimentos de mulheres negras brasileiras, do feminismo negro em ascensão ou pelo protagonismo em geral dos movimentos sociais negros.

Podemos dizer que o pensamento de Davis está voltado para as nuances das opressões sobre as mulheres negras, que ao seu ver, se potencializa com a exploração capitalista que as desumanizam na sua condição humana. Em seu livro *Mulheres, raça e classe* (2016), quando trata da condição da mulher negra, Davis não desloca seu alvo de análise crítica sobre as opressões, sobretudo, das mulheres negras. Ou seja, quando aponta para a desumanização da mulher, particularmente da mulher negra, não a pensa de forma isolada de um sistema que produz tal desumanização. Ela pensa essa opressão pela maquinaria da escravidão, especificamente, sobre as mulheres negras escravizadas.

Se, e quando, alguém conseguir acabar, do ponto de vista histórico, com os mal-entendidos sobre as experiências das mulheres negras escravizadas, ela (ou ele) terá prestado um serviço inestimável. Não é apenas pela precisão histórica que um estudo desses deve ser realizado; as lições que ele pode reunir sobre a era escravista trarão esclarecimento sobre a luta atual das mulheres negras e de todas as mulheres em busca da emancipação (DAVIS, 2016, p. 17).

Para ela as mulheres, particularmente as negras, foram marcadas pelo processo intenso de trabalho como reprodução de “um padrão estabelecido durante os primeiros anos da escravidão” (DAVIS, *idem*). Dessa forma, ao seu ver, qualquer avaliação da condição da mulher negra na sociedade atual precisa levar isso em conta na análise. Em seu posicionamento, a escravidão, como sistema político e econômico, “definia o povo negro como propriedade” (IBIDEM).

No entendimento de Davis, no sistema escravista as mulheres negras eram vistas como propriedades de trabalho que traziam lucros para os proprietários de escravos. Desse modo, as mulheres negras poderiam ser vistas como desprovidas de gênero, isto é, “uma trabalhadora em tempo integral” (DAVIS, 2016, p.18). Embora já houvesse uma teoria da feminilidade do século XIX, que colocava o papel das mulheres na maternidade, como donas de casas amáveis e “rainhas do lar” que cuidavam dos seus maridos e filhos, para a mulher negra, segundo Davis, essa concepção era um disparate, tida praticamente como uma anomalia (DAVIS, 2016, p.18).

Assim, Davis está dedicada com a tarefa de “compreender, para de fato, ‘romper com as lógicas opressoras’” (BRETAS, 2019, p. 236), utiliza-se do ferramental teórico que carrega, examina questões com profundas relevâncias na atualidade para sobrepujar a condição de opressão e exploração do corpo negro. No entender de Bretas, Davis

[...] oferece, não apenas um acurado diagnóstico histórico-materialista das opressões antinegras, sofridas ao longo de todo o processo de formação dos EUA, como ainda procura valorizar alternativas e práticas de resistência fomentadas nos espaços de aprendizado, solidariedade e luta política, dentro e fora do país (BRETAS, 2019, p. 237).

Em seu texto “O significado de emancipação para as mulheres negras” que está no livro *Mulheres, raça e classe* (2016), Davis traz justamente a condição de opressão que condicionou a mulher negra a um subgrupo de trabalhadoras. A marca das opressões sofridas pelas mulheres negras se configura por meio dos aspectos mais humilhantes que elas poderiam sofrer. No dizer da filósofa (2016, p.98), quando as mulheres negras não enfrentavam as durezas dos trabalhos no campo eram obrigadas a fazer os trabalhos domésticos.

De acordo com Davis (2016, p.98), nos serviços domésticos as mulheres além de enfrentarem o exaustivo trabalho da casa, também tinham que lidar

com o abuso sexual cometido pelo “homem da casa”, sendo um dos maiores, ao seu ver, riscos que essas mulheres sofriam constantemente. Muitas vezes, essas mulheres negras eram submetidas a “extorsão no trabalho, sendo obrigadas a escolher entre a submissão sexual e a pobreza absoluta para si mesmas e para sua família” (DAVIS, 2016, p. 99).

Sobre o assunto, Davis discorre: “o racismo funciona de modo intrincado” com o machismo e outras formas de opressão. Baseando-se num ensaio de W. E.B Du Bois intitulado “*The servant in the House*” de 1890 (A serviçal na casa, tradução nossa), Davis indica que o trabalho da mão de obra negra se direcionava aos trabalhos domésticos. Davis revela uma grande preocupação com uma espécie de “naturalização” do trabalho doméstico ou a condição de serviçal como se fosse um atributo de homens e mulheres negras. É a constatação, a partir de Du Bois que “negros são serviçais, serviçais são negros” (DAVIS, 2016, p. 101), revelava-se cada vez mais constante.

Importante destacar que esse olhar crítico sobre a relação entre cultura e trabalho se aproxima dos interesses de estudos do filósofo Hebert Marcuse, que fora sido o mentor de Davis durante seu período de estudos de filosofia. Davis foi uma estudante assídua dos ensaios de Marcuse¹, sobretudo, sobre os escritos sobre dominação social e sedimentar sua veia revolucionária. Conforme as palavras de Davis: “Herbert Marcuse me ensinou que era possível ser uma acadêmica, uma ativista, uma estudiosa e uma revolucionária” (apud JEFFRIES, 2017).

Em seu artigo *O legado de Marcuse*, Angela Davis evidencia sua admiração pelo filósofo d’*O homem unidimensional*. Nesse artigo, Davis coloca um pouco de sua experiência e inspiração a partir do pensamento “radical” de Marcuse. Ela argumenta que apesar de alguns considerarem o pensamento de Marcuse preso numa determinada época, do período final dos anos 1960 e início dos anos de 1970, e que tenha sido pouco lido nos anos posteriores, seu pensamento permaneceu vivo nos movimentos sociais e culturais contemporâneos (DAVIS, 2018, p. 140).

De acordo com Davis (IBIDEM) o pensamento crítico dos filósofos associados a Escola de Frankfurt fora motivado “pelo desejo de desenvolver um trabalho teórico contestatório”, o que para a época significava “antifascista”. Marcuse se envolveu com intensidade na luta antifascista, entendendo que fascismo e liberalismo se vinculam ideologicamente. Em seu escrito *O combate ao liberalismo na concepção totalitária de Estado* citado por Davis (2018, p. 141), indica que Marcuse havia “estabelecido os fundamentos para a sua análise posterior da sociedade estadunidense”.

Davis destacou que um dos aspectos que mais se sobressaiu e persistiu no trabalho de Marcuse foi sua preocupação com as possibilidades utópicas. A autora considerava a utopia, advinda do pensamento marcuseano, a crença das

¹ Angela Davis revela isso principalmente no seu ensaio “Os legados de Marcuse” publicado originalmente em John Abromeit e W. Mark Cobb (org.), *Herbert Marcuse: a critical reader* (Nova York, Routledge, 2004), encontramos a versão em português com a tradução de Pedro Davoglio em Margem Esquerda, Revistada Boitempo, n. 30, 1º semestre de 2018, p. 139-146.

possibilidades revolucionárias emancipatórias, seria o motivador central de suas lutas. Sobre esse aspecto Angela Davis escreve:

Parafraseando uma passagem da introdução a *Um ensaio para a libertação* – de que muitos de vocês, antigos e novos estudiosos de Marcuse, provavelmente se lembram – , Marcuse escreve que o que é denunciado como “utópico” não é mais aquilo que “não tem lugar” e não pode ter nenhum lugar no universo histórico, mas sim o que é impedido de surgir pelo poder das sociedades estabelecidas. As possibilidades utópicas seriam, assim, inerentes as forças técnicas e tecnológicas do capitalismo avançado e do socialismo: a utilização racional dessas forças em uma escala global acabaria com a pobreza e a escassez dentro de um futuro muito previsível. (DAVIS, 2018, p. 142).

A insistência de Davis em compreender a obra de Marcuse como revolucionariamente utópica direciona sua leitura crítica do pensador frankfurtiano para sua luta antirracista. Porém, para Davis essa luta se amplia e o seu caráter revolucionário e utópico também se torna radical na medida que se consegue comunicar essa mensagem. Para a autora, “é preciso recuperar a capacidade de nos comunicarmos além das divisões projetadas para manter as pessoas separadas” (DAVIS, 2018, p.145).

Nesse sentido, para Davis se faz preciso a perspectiva em recuperar a força revolucionária de Marcuse não numa atitude meramente nostálgica, mas “uma que tome a sério seu trabalho como filósofo e como intelectual público” (DAVIS, 2018, p. 145). Todavia, Davis alerta que essa atitude não significa reviver Marcuse como um teórico preeminente do nosso século, pois ele insistiu no caráter profundamente histórico da teoria. (Idem, p. 146).

A própria Angela Davis reconheceu certos limites no pensamento de Marcuse, porém, considera ainda a relevância contemporânea das ideias da teoria crítica de Marcuse. Para Davis, certamente, o pensador alemão crítico se engajaria contra suas próprias ideias de que sua teoria conteria a solução para os muitos dilemas que enfrentamos hoje. Mas mesmo assim suas ideias revolucionárias servem como inspiração para “tentarmos incorporar suas ideias em uma memória histórica baseada nos aspectos úteis do passado de modo a pô-las para trabalhar no presente” (DAVIS, 2018, p.146).

Essa localização de Angela Davis sobre o legado de Marcuse, nos ajuda a compreender, de certo modo, o pensamento crítico da própria Davis. A relevância desse pensamento estende-se e incorpora-se na sua história de luta e resistência. De modo particular, nos ateremos aqui em alguns aspectos da sua perspectiva teórica do feminismo negro, nas orientações teórico-metodológica e prática da interseccionalidade no pensamento de Angela Davis.

3. Interseccionalidade de gênero, raça e classe

Uma tese central para empreender estudos sobre a relação entre gênero, raça e classe em Angela Davis emerge da ideia de interseccionalidade. Uma vez

que as desigualdades sociais entre negros e brancos tem seu caráter não só de exploração, mas de opressão social e vice-versa, envolvido no cunho político no conceito de democracia racial. Ou seja, para entendermos o pensamento de Davis faz-se necessário tomar conta do recorte de gênero, de raça e de classe, bem como outras lutas que estão imbricadas entre si.

No artigo *Feminismo Negro e a Interseccionalidade de Gênero, Raça e Classe* (2017) de Eunice Lea de Moraes e Lucia Isabel Conceição da Silva indicaram que as autoras feministas norte-americanas *bell hooks*, Kimberlé Crenshaw, Patricia Hill Collins e Angela Davis, precursoras e principais expoentes dos estudos sobre a questão racial, estabeleceram a interseccionalidade das categorias sociais de raça, gênero e classe, como um elemento fundamental que diferencia as trajetórias das mulheres (p. 60). Para a estudiosa Kathy Davis,

A interseccionalidade inicia um processo de descoberta, nos alertando para o fato de que o mundo a nossa volta é sempre mais complicado e contraditório do que nós poderíamos antecipar [...] Ela não provê orientações estanques e fixas para fazer a investigação feminista [...]. Ao invés disso, ela estimula nossa criatividade para olhar para novas e frequentemente não-ortodoxas formas de fazer análises feministas. A interseccionalidade não produz uma camisa-de-forças normativa para monitorar a investigação [...] na busca de uma 'linha correta'. Ao invés disso, encoraja a cada acadêmica feminista a se envolver criticamente com suas próprias hipóteses seguindo os interesses de uma investigação feminista reflexiva, crítica e responsável (DAVIS, 2008, p. 79 apud HENNING, 2015, p. 98-99).

Nessa trilha é que Angela Davis conduziu seus estudos e sua militância, na perspectiva da interseccionalidade, que recusa um olhar ortodoxo para as questões do feminismo e do racismo, que no âmbito de alguns movimentos de esquerda, hierarquizam pela questão de classe. Para Davis, classe é importante, no seu dizer, "É preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida" (2011).

Tal visão não é apenas uma expressão pontual e determinada num contexto social e político de Angela Davis. Mas uma posição política que o ofício no ativismo, que ao seu ver, "envolve inevitavelmente certa tensão entre a exigência de que sejam tomadas posições em relação aos problemas atuais à medida que eles surgem e o desejo de que sua contribuição, de alguma forma, sobreviva a ação do tempo". (DAVIS, 2017, p. 11).

Seria importante indicar que o movimento do feminismo negro é anterior a própria Angela Davis, que ela mesmo faz referências em seus livros. Para a autora, a luta feminista das mulheres brancas relegou as temáticas e as pautas das mulheres negras. No seu livro *Mulheres, raça e classe* (2016), faz menção à intervenção de diversas mulheres negras nos movimentos de mulheres brancas; enquanto essas tinham dificuldade de romper com o racismo e se posicionar contra.

No texto “As mulheres negras e o movimento associativo”, quando Davis relata sobre a trajetória dos movimentos das mulheres negras e suas organizações denunciavam a ausência da pauta dessas mulheres. Para ela, as mulheres negras estadunidenses do século XIX que haviam passado pela escravização traziam no seu caminho sua relação com o trabalho e a sua consciência de classe, gênero e raça. Ela dizia que o número de mulheres negras “confrontadas com o vazio da vida doméstica” era ínfimo em comparação com as “irmãs brancas de classe média” (2016, p. 135). A autora ressalta que:

O número de mulheres negras confrontadas com o vazio da vida doméstica, que mortificava suas irmãs brancas da classe média, não chegava perto disso. Ainda assim, as líderes do movimento associativo de mulheres negras não vinham da massa trabalhadora. Josephine St. Pierre Ruffin, por exemplo, era a esposa de um juiz de Massachusetts. O que diferenciava essas mulheres das líderes das agremiações brancas era sua consciência sobre a necessidade de contestar o racismo (DAVIS, 2016, p. 135).

Davis não é ingênua em pensar a interseccionalidade de forma abstrata ou até mesmo idealizada. Em seu livro *Interseccionalidade* (2018), Carla Akotirene discute o conceito de interseccionalidade como forma de abarcar “as vivências e intersecções a que está submetida uma pessoa, em especial, a mulher negra” (AKOTIRENE, 2018, p. 61). Para a autora o termo define um posicionamento das feministas negras frente às opressões da nossa sociedade que por muito tempo foi pauta em uma base *cisheteropatriarcal*¹ branca e etnocêntrica.

Segundo Akotirene, Davis via a necessidade de identificar que “o racismo e sexismo interseccionados” tratados de forma desvinculados podem apagar “histórias cruciais do ativismo” das mulheres negras. Por isso, como indica Akotirene (2018, p. 62) é importante perguntar “o porquê desse foco exclusivo no marcador de gênero ou de raça”. E afirma Davis,

Menciono essa genealogia que leva a sério as produções epistemológicas de pessoas cujo trabalho principal é organizar movimentos radicais porque considero importante evitar que o termo “interseccionalidade” apague histórias cruciais de ativismo. Havia entre nós aquelas pessoas que, não tanto em virtude das análises acadêmicas, mas por causa de nossa experiência, reconheceram que tínhamos de descobrir uma forma de reunir tais questões. Elas não estavam separadas em nosso corpo e também não estão separadas em termos de luta (DAVIS, 2018, p. 33).

¹ O termo *Cisheteropatriarcal* ou *heteropatriarcado* se refere ao sistema sociopolítico de dominação heterossexual normativa que impõe a supremacia cisgênero masculina sob as demais formas de identidades de gênero. Tem sido muito utilizado pelas feministas negras na atualidade (AKOTIRENE, 2018).

Aqui no Brasil o conceito de interseccionalidade tem mobilizado intelectuais negras a produzir suas críticas às desigualdades que em suas bases são de raça, classe e gênero articuladas entre si. Desse modo, embora já haja um reconhecimento do tema, sobretudo, pautado pelas feministas negras, se faz importante engajar-se na formação de homens e mulheres para avançar nas pautas da luta antirracista articuladas de forma interseccional.

A partir do pensamento crítico de Angela Davis, inclusive da própria interseccionalidade, é essencial discutir as questões voltadas à educação para se pensar um ensino interseccional. Para Davis, a interseccionalidade se completa ao reunir num mesmo campo de alcance da intervenção gênero, raça e classe. Ou seja, não há como discutir a questão das desigualdades raciais e de gênero sem levar em consideração as condições sofridas pelas pessoas negras, de modo, particular, a mulher negra, numa sociedade de desigualdades de gênero, raça e classe.

4. Por uma educação interseccional de gênero, raça e classe

Acompanhamos aqui as teses defendidas pelo pensamento de Angela Davis, principalmente, quando a filósofa entende a importância de engajar as temáticas de gênero, raça e classe de forma interseccional. Como vimos, uma tese central de Davis diz respeito à necessidade de compreender a relação entre teoria e práxis histórica consideradas no seio do pensamento crítico. E esse tem um vínculo estreito com o ativismo político. Segundo Davis,

O ofício do ativismo político envolve inevitavelmente certa tensão entre a exigência de que sejam tomadas decisões em relação aos problemas atuais a medida que eles surgem e o desejo de que sua contribuição, de alguma forma sobreviva a ação do tempo (DAVIS, 2017, p. 11).

No seu livro *Mulheres, Cultura e Política* (2017), Davis deixa evidente sua conexão tanto com as lutas políticas como sua identificação com os campos do pensamento da crítica radical que lhe permitiu e permite intervir de forma decisiva na realidade. No texto *“Vamos subir todas juntas: perspectivas radicais sobre o empoderamento das mulheres afro-americanas”* (2017), destaca o quanto se fez importante o processo de empoderamento das mulheres afro-americanas herdadas da organização das mulheres negras do movimento associativo.

Precisamos nos esforçar para “erguer-nos enquanto subimos”. Em outras palavras, devemos subir de modo a garantir que todas as nossas irmãs, independentemente da classe social, assim como todos os nossos irmãos, subam conosco. Essa deve ser a dinâmica essencial das nossas lutas enquanto mulheres afro-americanas, mas também governar todas as lutas autênticas das pessoas despossuídas. Na verdade, a batalha geral por igualdade pode ser profundamente intensificada pela adoção desse princípio (DAVIS, 2017, p. 17).



O princípio trazido por Davis do movimento de mulheres afro-americanas do século XIX, “erguendo-nos enquanto subimos” recupera “uma forte tradição de luta em torno de questões que as vinculam politicamente as causas progressistas mais cruciais” (Ibidem). Esse lema reflete o anseio de milhares de outras mulheres atravessadas pela sua condição de gênero, raça e classe e com a necessidade de modificar radicalmente um estudo de coisas que as afetam e nos afetam atualmente, tais como “homofobia, idadismo e a discriminação contra as pessoas com deficiências físicas” (p. 17).

Diante dessas preocupações retomamos a questão central deste ensaio: qual a potência do pensamento de Angela Davis para discutir as questões voltadas para se pensar uma educação interseccional? Como diz Ramos (2021), “educar sob uma perspectiva de igualdade envolvendo os assuntos gênero, a raça negra e as outras formas de opressões, nunca foi uma tarefa fácil (p.2). Mas sim, uma tarefa necessária.

A ideia em desenvolver um argumento em torno da tese de uma educação interseccional na perspectiva de Angela Davis nos remete a pensar as profundas contradições ainda existentes no Brasil contemporâneo. De um certo modo, carregamos uma longa tradição de luta e de elaborações políticas sobre a ótica de raça, classe e gênero. Por vezes articuladas em torno da nossa história de forma consciente, outras vezes não.

Todavia, no Brasil, o conceito de gênero, raça e a luta de classe pautaram-se num velamento dos próprios temas e de suas consequências pós-abolição da escravidão. Isso possibilitou a cristalização, por um lado, de um racismo estrutural, que se caracterizou pela manutenção de processos nefastos de exclusão da população negra e, por outro, de um engendramento de relações sociais que legaram aos descendentes africanos uma trajetória inconclusa de libertação (SILVA, 2022).

Desse modo, para entendermos o racismo na educação pública no Brasil faz-se necessário tomar conta do recorte de gênero, raça e classe que estão imbricados entre si. Frantz Fanon em seu livro *Peles Negras Máscaras Brancas* (2008), escrito em 1952, indica que o momento decisivo na vida de qualquer indivíduo que tenha sua ancestralidade ligada a diáspora negra quando se reconhece como negro. Isso seria a chamada consciência negra, isto é, “assumir-se negro e negra significa um reposicionamento radical diante de uma sociedade que lhe impõe como padrão o “ideal de branquitude” (SILVA, 2016, p. 97).

Desse modo, ao discutirmos essas questões na perspectiva da educação, implica levar em conta, no mínimo, dois aspectos centrais: o significado da relação interseccional entre raça, classe e gênero no atual contexto brasileiro e o papel das lutas no combate ao racismo, à desigualdade social e ao machismo. Estes dois fatores estão no escopo das polêmicas que circulam os ambientes sociais e acadêmicos. Assim sendo, a educação ao constituir-se em espaço de disputas ideológicas de combate ao racismo implica dimensionar esses temas de forma articulada e interseccional.

Os interesses cristalizados, que produziram convicções escravocratas arraigadas, mantêm os estereótipos, que não ficam no limite do simbólico, mas que incide sobre as desigualdades educacionais entre negros e brancos. Ser negro e negra no Brasil aumenta significativamente as chances de exclusão escolar. Segundo o mapa da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), as chances de meninos e meninas negras de não terminarem a educação básica é, infinitamente, maior entre os meninos e meninas brancos.¹

Diante de dados como esse citado, e milhares outros que poderíamos citar, só é possível chegar a uma conclusão: o racismo é também uma questão de classe e de gênero que tem sido assim há séculos. As consequências desta nefasta combinação todos conhecem: marginalização em todos os aspectos da vida social (da escola à mídia; do local de trabalho à moradia); transformação de nossas crianças em vítimas em potencial da violência policial e sistêmica e da prostituição; segregação e humilhações sem fim.

Contudo, mesmo diante desta realidade, o pensamento de Angela Davis nos conduz à defesa da possibilidade de mudanças radicais desta realidade, defendendo as mudanças nas relações sociais no sistema capitalista. O pensamento de Davis se contrapõe a aqueles que entendem que os negros e negras podem ser “incluídos” neste sistema através de mudanças na legislação trabalhista e na constituição. Podemos, como dizem aqueles adeptos desta ilusão, nos tornarmos “cidadãos”. Isso é, no mínimo, alimentar uma ilusão que nada tem a ver com a realidade dos negros e negras.

Em outras palavras, dizemos com Davis que a compreensão e a luta social perscrutam o lugar social das pessoas negras e brancas na sociedade brasileira. Em seu livro *A liberdade é uma luta constante* (2018), Davis atualiza sua compreensão sobre a interseccionalidade dizendo,

Óbvio que a interseccionalidade – ou os esforços de reflexão, análise e organização que reconhece as interconexões entre raça, classe, gênero e sexualidade – evoluiu consideravelmente nas últimas décadas. Vejo minha obra como o reflexo não de uma análise individual, e sim de uma percepção, no interior de movimentos e coletivos, de que não é possível separar as questões de raça das questões de classe e das questões de gênero (DAVIS, 2018, p. 33).

As questões interseccionais de gênero, raça e classe significam uma importante base de referência para a análise da sociedade. E para as questões educacionais tornam-se um fator decisivo de intervenção social no combate às desigualdades. Os interesses cristalizados, que produziram convicções escravocratas arraigadas, mantêm os estereótipos, que não ficam no limite do simbólico, mas que incide sobre as desigualdades educacionais entre negros e brancos.

¹ Dados repassados pela própria mídia burguesa. Veja em: <https://exame.com/brasil/os-dados-que-mostram-a-desigualdade-entre-brancos-e-negros-no-brasil/>

Se pensarmos a interseccionalidade como caminho de transformação social a partir do pensamento de Angela Davis podemos indicar que uma aposta de uma educação interseccional pode ser um fator decisivo de atuar sobre as mazelas sociais desde a educação. Uma educação interseccional confere um status importante à crítica social integral. As práticas educativas interseccionais nos espaços educadores, visam desenvolver e estimular a autoestima, identidade, cidadania e combate à discriminação racial.

Enfim, o ambiente escolar é ainda agente opressor para muitas identidades, e é algo que tanto o Estado, quanto as comunidades escolares ainda não conseguem reconhecer. A projeção das desigualdades entre negros e não negros, na educação, exige uma formação de profissionais que deem conta da eliminação deste problema que atinge a toda a humanidade.

5. Considerações Finais

Propomos aqui uma trajetória reflexiva sobre o pensamento da filósofa Angela Davis e sua articulação com aquilo que resolvemos chamar de uma educação interseccional. Trazemos um breve contexto de sua trajetória intelectual, do seu ativismo político, sobretudo, do seu posicionamento e crítica sobre as desigualdades da sociedade contemporânea. Entrar em contato com o pensamento de Davis nos leva a uma postura de não imparcialidade perante as demandas sociais existentes.

Nesse sentido, discutir a questão da interseccionalidade pressupõe e requer um engajamento ético-político que procuramos expor a partir de algumas obras de Davis. A tentativa neste texto foi, de forma breve, apresentar, alguns apontamentos que dizem respeito à problemática interseccional no âmbito da educação brasileira, considerando tanto o gênero, a raça e a classe. Todavia, a interseccionalidade precisa ser entendida como estratégia política e intelectual para enfrentar de maneira profunda as desigualdades que atingem, sobretudo, as mulheres negras.

Para finalizar, reafirmamos que a luta interseccional, pelo viés de Davis, contra o racismo só pode se dar através da organização de negros e negras em aliança com a classe operária, a juventude e todos os demais setores explorados e oprimidos da sociedade. Por isso, um posicionamento interseccional é um posicionamento contra o sistema que dele se beneficia. Assim, uma educação interseccional é, parafraseando Davis, uma luta constante.

REFERENCIAS

BRETAS, Alexia. Resenha "Mulheres, raça e classe". In: **Revista Trans/Form/Ação**, Marília, v. 42, n. 2, p. 235-246, abr./jun. 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.



DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.

DAVIS, Angela. **Uma autobiografia**. São Paulo: Boitempo, 2019.

DAVIS, Angela. **As mulheres negras na construção de uma nova utopia**. 2011 Disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/> Acesso em: 16 abr. 2020.

DAVIS, KATHY. Intersectionality as buzzword, a sociology of Science: perspective on what makes a feminist theory successful. **Feminist Theory**, v. 9, n. 1, p. 67-85, 2008.

HENNING, Carlos Eduardo. Intersectionality and feminist thought: historical contributions and contemporary debates about the interlocking of social markers of difference. **Mediações**, Londrina, v. 20, n. 2, p. 97-128, jul./dez. 2015.

JEFFREIS, Stuart. O efeito do chicote: a Escola de Frankfurt e a opressão das mulheres, 2017. Disponível em: <https://Movimentorevista.Com.Br/2017/10/Escola-De-Frankfurt-Feminismo-Mulheres-Marcuse-Angela-Davis/> Acesso em: 29 mar. 2022.

MORAES, Eunice Lea de; SILVA, Lucia Isabel Conceição da. Feminismo Negro e a Interseccionalidade de Gênero, Raça e Classe. **Cadernos de Estudos Sociais e Políticos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/CESP/article/view/32989/27666> Acesso em: 24 maio 2022.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017.

PAIVA, Vitor. **A vida e a luta de Angela Davis, desde os anos 1960 até o discurso na Marcha das Mulheres nos EUA**. s/d. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2017/01/a-vida-e-a-luta-de-angela-davis/> Acesso em: 23 mar. 2020.

SILVA, Alex Sander da. Angela Davis e a luta por liberdade em tempos de crises. In: **Revista Poiesis**. Unisul, Tubarão, v. 12, n. 22 p. 429-433, jun/dez 2018.

SILVA, Alex Sander da. Um olhar de classe, raça e democracia para a educação em tempos difíceis. **Revista Poiesis**, Tubarão, v. 16, n. 29, p. 258-274, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Poiesis/article/view/12724/10331> Acesso em 28 set. 2022.



Recebido em: 30 de setembro de 2022.
Aceito em: 19 de fevereiro de 2023.
Publicado em: 17 de junho de 2023.

